

EDGAR ALLAN POE

A CARTA ROUBADA

Adaptação
Rosa Moya

Ilustrações
Roger Olmos

Tradução de
Luciano Vieira Machado e Elisa Zanetti



© 2009 Random House Mondadori S.A.

Esta edição foi publicada com
a autorização da Random House Publish Group.
Todos os direitos reservados.

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Coordenadora editorial
Tatiana Fulas

Assistente editorial
Vanessa Sayuri Sawada
Juliana Paula de Souza

Assistente de arte
Alex Yamaki

Diagramação
Kiki Millan

Revisão
Telma Baeza Gonçalves Dias

Impressão
EGB – Editora Gráfica Bernardi

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Poe, Edgar Allan, 1809-1849
A Carta Roubada/ Edgar Allan Poe; adaptação: Rosa Moya; ilustrações:
Roger Olmos; tradução de Luciano Vieira Machado e Elisa Zanetti. - 1ed. -
São Paulo: Panda Books, 2011. 32 pp. il.

Tradução de: Chevalier Auguste Dupin y la carta robada

ISBN: 978-85-7888-094-1

1. Conto infantojuvenil americano. I. Moya, Rosa. II. Olmos, Roger. III.
Machado, Luciano. IV. Zanetti, Elisa. V. Título.

10-6374

CDD: 028.5
CDU: 087.5

2011

Todos os direitos reservados à

Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./ Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

blog.pandabooks.com.br

Visite também nossa página no Facebook e no Orkut.

Ao meu grande avô Juan, que sem querer
me ensinou tantas e tantas coisas. Ao meu avô
Evilasio, que me ensinou outras tantas.

Rosa Moya

À minha mãe.

Roger Olmos



Caro leitor

O livro que você tem em mãos é uma narrativa feita por mim. Moro em Paris e sou amigo íntimo de Chevalier Auguste Dupin, o primeiro detetive de ficção, criado pelo escritor Edgar Allan Poe. De mim, pouco mais posso dizer — pois assim o quis o senhor Poe, embora deseje acrescentar que sou um narrador anônimo, mas sempre objetivo e fiel à história que conto.

O caso da carta roubada aconteceu há muitíssimo tempo, lá por volta do século XIX. O caso envolveu pessoas da mais alta posição social, e por isso me vejo na obrigação de usar termos como “o ministro D...”, “o chefe de polícia G...”, “a pessoa de quem roubaram a carta”, “uma terceira pessoa”, “uma dama” etc., para manter em segredo suas identidades. Se descobrissem quem eram na realidade, haveria risco para a honra de uma pessoa importantíssima, pertencente à monarquia francesa.

O chefe de polícia de Paris procurou o grande detetive Dupin para que o ajudasse a resolver o mistério. Com seu método de investigação, que consiste em se colocar na cabeça do delinquente, combinando a observação com a lógica e a imaginação, sem esquecer a análise, Dupin encontrou a carta roubada. Confesso que sou um admirador incondicional do detetive. Ao longo de sua vida, eu o vi resolver casos incrivelmente complicados. Não é de estranhar que, com o tempo, Dupin viesse a servir de inspiração para outros investigadores, como o famoso Sherlock Holmes e Hercule Poirot. Posso garantir, sem medo de me enganar, que estes devem sua existência a Dupin, coisa que me deixa extremamente contente.

Tenho certeza de que você é um ávido leitor e que, apesar dos personagens anônimos e da complexidade do caso, seguirá perfeitamente o fio da história. Espero que ela o agrade tanto quanto me agradou e, naturalmente, que o surpreenda.

Boa leitura!

Eu estava em Paris... Ao anoitecer, depois de uma tarde de ventania, desfrutava do prazer da meditação e de umas cachimbadas em companhia de meu amigo Chevalier Auguste Dupin. Estávamos na biblioteca de sua casa na rua Dunot, número 33, bairro de Saint Germain, quando a porta se abriu e apareceu o *monsieur* G..., o chefe de polícia. Vinha pedir um conselho a meu amigo Dupin sobre um assunto oficial que havia provocado muita agitação.

— É um caso muito simples, mas ao mesmo tempo muito estranho — garantiu o chefe de polícia. — Todos estão confusos e perplexos.

— Talvez o mistério seja simples demais — observou Dupin.

— Mas o que você está dizendo! — retrucou o chefe de polícia, rindo às gargalhadas.

— Evidente demais... — insistiu Dupin.

— Ha! Ha! Ha! Ha! — ria o chefe de polícia.

— Pois bem, de que se trata? — perguntei-lhe impaciente.

